

O mestre entalhador Manuel Romero. Um artista sevilhano em Tavira no início do século XIX

Marco de Sousa Santos

Licenciado em Património Cultural

A actividade artística desenvolvida pelo mestre entalhador Manuel Romero na região algarvia foi, pela primeira vez, referenciada por Francisco Lameira, na sua dissertação de Doutoramento em História da Arte Moderna, intitulada *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*, dada à estampa no ano de 2000. Nesse ensaio, o referido entalhador, então designado como Manuel “Romeira”, é apontado como o autor dos retábulos colaterais da igreja da Ordem Terceira do Carmo de Tavira, executados entre 1817 e 1818, utilizando o formulário neoclássico, assim como o responsável pela execução da *essa*, isto é, do estrado onde se colocavam as urnas durante as cerimónias fúnebres, para a mesma igreja, em 1820. Para além, disso era ainda tido como o presumível autor de um outro retábulo, que apresenta semelhanças formais com os anteriores, existente no baptistério da igreja de Santa Maria do Castelo, igualmente em Tavira.

Note-se que, logo nessa altura, Francisco Lameira não deixa de sublinhar as originais especificidades dos retábulos neoclássicos da igreja dos Terceiros carmelitas, dois exemplares gémeos, respectivamente dedicados a Nossa Senhora das Angústias e ao Senhor dos Passos, que identifica mesmo como exemplares ímpares, pelo menos dentro do universo artístico do neoclássico no Algarve. De facto, a utilização de um tipo de planta ligeiramente côncava, numa época em que a planta recta predominava claramente, assim como a utilização de dois pares de colunas, em vez de apenas um, assentes sobre pedestais, utilizando essas colunas uma tipologia absolutamente excepcional na região algarvia, pelo menos durante a vigência do estilo neoclássico, com o terço inferior diferenciado e decorado com caneluras, e ainda a invulgar utilização de fastígio sobre frontão triangular, ladeado por urnas funerárias, no ático, fazia com que estes retábulos se destacassem, logo à partida, dentro do conjunto de retabulística neoclássica existente no Algarve.

Porém, como já foi referido, na mencionada obra, este entalhador era, tendo em conta os documentos que então se conheciam, identificado como Manuel “Romeira”, presumivelmente um artista de origem algarvia. E a verdade é que os *Livros de Despesas* da Ordem Terceira do Carmo de Tavira referem, efectivamente, como autor dos dois retábulos colaterais da sua igreja, o entalhador Manuel “Romeira”, adulterando o seu verdadeiro apelido, e aportuguesando-o, sem acrescentar quaisquer informações adicionais acerca do mesmo.

Muito recentemente, durante a elaboração da minha dissertação de licenciatura, um estudo monográfico acerca da igreja da Ordem Terceira do Carmo

de Tavira, realizado precisamente sob a orientação do Prof. Francisco Lameira, voltei a consultar os *Livros de Despesas* da dita Ordem, e tornei a deparar-me com as referências ao autor dos retábulos colaterais, identificado como Manuel “Romeira”. Até esta altura, nada fazia supor que o responsável por estas obras não fosse realmente o entalhador designado por Manuel “Romeira”, pretensamente um mestre algarvio.

Porém, no decurso da investigação, enquanto consultava os registos paroquiais da freguesia de Santa Maria de Tavira, procurando referências a acontecimentos ou personalidades relacionadas com a igreja dos Terceiros carmelitas, deparei-me, inadvertidamente, com um curioso assento de casamento, realizado no dia 21 de Junho de 1820. O nubente, António Maria Turíbio, era identificado como oficial de entalhador, natural da paróquia de São Vicente da cidade de Sevilha, filho de Manuel Romero e Cirila Serápia da Costa, neto paterno de um outro Manuel Romero e de Maria Rosa, e materno de Francisco da Costa e Felipa de Cáceres, todos de Sevilha. Seria este referido Manuel Romero, pai de António Maria, o mestre entalhador responsável pela execução dos retábulos colaterais da igreja da Ordem Terceira do Carmo de Tavira, até agora identificado como Manuel “Romeira”? De facto, a flagrante semelhança entre os dois nomes, a aparente coincidência geográfica e temporal, já que ambos apareciam referenciados como hipoteticamente estando em Tavira no ano de 1820, e ainda a possibilidade de estarmos perante um caso onde o mesmo ofício, neste caso de entalhador, é passado de pai para filho, pareciam corroborar esta hipótese. Mas, apesar de aparentemente bem urdida, esta teia de conjecturas teria que ser cabalmente comprovada.

Uma vez na posse destas novas informações, decidi voltar a consultar os documentos guardados no arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Tavira, disposto a confirmar, ou desmentir, as minhas suspeitas.

Para além das poucas referências, relativas a pagamentos efectuados ao entalhador Manuel “Romeira”, registadas nos já referidos *Livros de Despesas*, e que nada pareciam acrescentar ao que já se sabia, pouco parecia existir acerca da actividade artística levada a cabo por este mestre. Porém, num fundo de folhas avulsas, só recentemente colocado à disposição dos investigadores, subsistia um recibo escrito, assinado e datado, precisamente pelo dito mestre. Neste pequeno apontamento, relativo às despesas efectuadas com o conserto do esquife da igreja da Ordem Terceira do Carmo de Tavira, levado a cabo no ano de 1815, podia ler-se, em castelhano: “*Importo la compostura del Esquife (...) Tabira, 5 de Mayo de 1815. Manuel Romero.*” Ou seja, este documento, escrito pelo punho do mestre entalhador, que depois o assina, comprovava definitivamente a sua nacionalidade, assim como a correcta grafia do seu apelido. Para além disso, parecia admissível, à luz destas novas informações, afirmar que o mestre Manuel Romero, que trabalha para os Terceiros carmelitas, era o mesmo Manuel Romero apontado como pai de

António Maria Turíbio, oficial de entalhador, e que ambos eram naturais da cidade de Sevilha, tal como o referido assento de casamento atestava.

Nesse ponto da situação, por sugestão do Prof. Francisco Lameira, orientador da minha tese, decidi contactar o Prof. José Maria Sánchez, do Departamento de História de Arte da Universidade de Sevilha, que se tem dedicado ao estudo dos movimentos transfronteiriços de artistas, entre as regiões da Andaluzia e do Algarve, no sentido de obter mais informações acerca da existência, ou não, de um mestre entalhador sevilhano, em actividade no início do século XIX, de nome Manuel Romero. A resposta ao meu pedido de informação, extremamente atenciosa e esclarecedora, não tardou.

Com efeito, a bibliografia da especialidade continha referências a um mestre entalhador, também designado como arquitecto, de nome Manuel Romero, morador na rua de *Los Tiros*, na paróquia de São Vicente de Sevilha, que era várias vezes mencionado, nomeadamente em escrituras notariais, como trabalhando nessa cidade, no final do século XVIII, e que aparecia, para além disso, regularmente associado ao nome de um Francisco de Acosta, mestre entalhador e arquitecto das obras do Arcebispado, morador na rua de *La Cañavería*, e casado com Dona Felipa de Cáceres. Para além disso, havia ainda uma escritura notarial, realizada no dia 30 de Junho de 1795, mediante o qual se adjudicava ao mestre Manuel Romero a obra de execução do retábulo da capela-mor da igreja de São Bartolomeu, igualmente situada na cidade de Sevilha. E, de facto, comparando este retábulo sevilhano com os retábulos colaterais da igreja da Ordem Terceira do Carmo de Tavira, são manifestas as semelhanças entre ambos. Repete-se o mesmo tipo de planta dinâmica, neste caso ligeiramente convexa, a utilização de dois pares de colunas, com o terço inferior diferenciado, e decorado com caneluras, assentes sobre pedestais, bem como a utilização de um fastígio rectangular, ladeado por urnas funerárias, no ático.

Porém, este Manuel Romero, responsável pela execução do retábulo de São Bartolomeu de Sevilha, não era o mesmo Manuel Romero que surge mais tarde em Tavira, onde executa os retábulos colaterais da igreja da Ordem Terceira do Carmo. De facto, apesar da óbvia ligação que se podia estabelecer entre estas duas figuras, a análise comparada das suas assinaturas, uma obtida no referido contrato de ajuste, realizado em Sevilha, e a outra no já mencionado recibo relativo ao conserto do esquife da igreja dos Terceiros carmelitas de Tavira, permitia perceber que se tratavam de dois indivíduos distintos, ambos com o nome de Manuel Romero, e ambos entalhadores, tratando-se certamente de pai e filho. Esta situação parecia confirmar uma hipótese que lentamente vinha tomando forma, a de que se estava perante uma família de entalhadores, onde a arte do entalhe se havia transmitido de geração para geração, originalmente de Manuel Romero para o seu filho homónimo, e deste para António Maria Turíbio, neto do primeiro.

Para além disso, tendo em conta estas novas informações, alguns factos

pareciam definitivamente comprovados. O mestre Manuel Romero, responsável por algumas obras de entalhe na cidade de Tavira, no princípio do século XIX, entra as quais se pode destacar a execução dos retábulos colaterais da igreja da Ordem Terceira do Carmo, era na realidade um artista castelhano, natural da cidade de Sevilha, filho de um outro mestre entalhador, e arquitecto, também de seu nome Manuel Romero. Para além disso, as características formais da sua obra, tidas como especificidades dentro do universo artístico algarvio, representavam afinal uma original interpretação do formulário neoclássico, directamente filiada nos modelos utilizados pelos mestres andaluzes, e provavelmente assimilada pelo jovem Manuel Romero junto da oficina do seu pai, onde terá iniciado a sua carreira, enquanto aprendiz.

Para além disso, o que estes novos dados parecem também demonstrar, é que, ainda que tardiamente, e de um modo bastante localizado, como consequência directa da actividade desenvolvida por um mestre forasteiro, a talha neoclássica executada na região algarvia acabou por receber influências da vizinha região da Andaluzia. De facto, apesar da esmagadora maioria dos retábulos executados no Algarve durante este período resultar da aplicação efectiva dos princípios do neoclassicismo italiano, directamente promovida pelo bispo D. Francisco Gomes do Avelar, e supervisionada pelo seu arquitecto particular, o italiano Francisco Xavier Fabri, após a morte do prelado algarvio, ocorrida em 1816, esse controle terá diminuído significativamente, permitindo à retabulística regional demandar novas soluções artísticas e sensibilidades, porém, num período em que a arte do entalhe se encontrava já num acelerado processo de esgotamento.

Bibliografia

LAMEIRA, Francisco; *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*, Câmara Municipal de Faro, Faro, 2000.

PALOMERO PARAMO, Jesus, ROS GONZÁLEZ, Francisco (Prólogo e Direcção); *Noticias de Escultura (1781-1800)*, Edições Guadalquivir, Sevilha, 1999.

SANTOS, Marco de Sousa; *A Igreja da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Tavira. Subsídios para a sua interpretação* (texto policopiado), 2009.

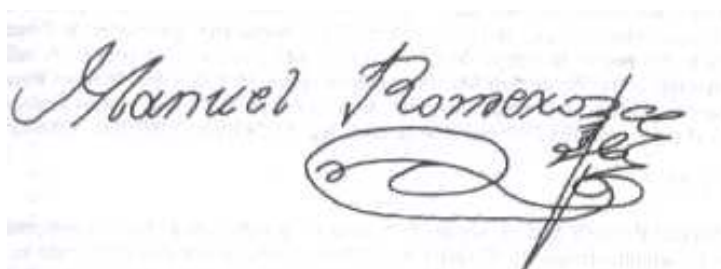
A handwritten signature in dark ink on aged paper. The name 'Manuel Romero' is written in a cursive script. The signature ends with a large, ornate flourish that loops back under the name.

Figura 1. Assinatura de Manuel Romero (pai), 1789.

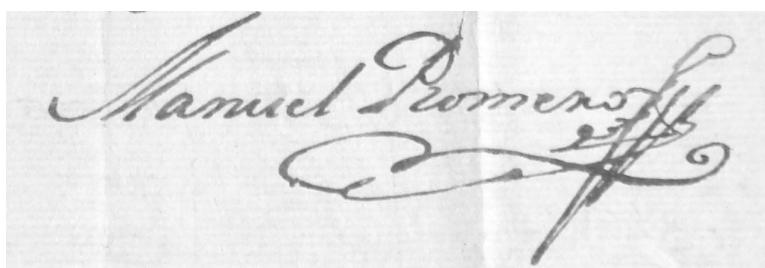
A handwritten signature in dark ink on aged paper, similar to the one above. The name 'Manuel Romero' is written in a cursive script. The signature ends with a large, ornate flourish that loops back under the name.

Figura 2. Assinatura de Manuel Romero (filho), 1815.



Figura 3. À esquerda: retábulo da capela-mor da igreja de São Bartolomeu de Sevilha, da autoria de Manuel Romero (pai), c. de 1795. À direita: retábulo de Nossa Senhora das Angústias na igreja da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Tavira, da autoria de Manuel Romero (filho), 1817-1818.